

OFICINAS DE LETRAMENTO ACADÊMICO: ENCONTROS FORMATIVOS PARA/COM ESTUDANTES E PROFESSORES

Karolyne Cardoso da Fonseca Bispo dos Santos¹; Matheus Machado da Silva²; Mariana Souza Lima³; Karynne dos Santos Nascimento⁴; Heloisa Josiele Santos Carreiro⁵;

¹Graduada de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ) / Rio de Janeiro - São Gonçalo, Brasil/ karolfons3ca@gmail.com

²Graduando de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ) / Rio de Janeiro - São Gonçalo, Brasil/ maxteus.machado@gmail.com

³Graduanda de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ) / Rio de Janeiro - São Gonçalo, Brasil/ marisolima17@gmail.com

⁴Graduanda de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ) / Rio de Janeiro - São Gonçalo, Brasil/ santorskarynne31@gmail.com

⁵ Professora-doutora em Educação da FFP-UERJ/ helo.carreiro.uerj.ffp@gmail.com

Introdução

O resumo em tela nasceu a partir do movimento de pesquisa e de extensão no projeto Proatec que é articulado com o Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias e Educação Infantil (COLEI), pertencente à Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP/ UERJ). Por ser uma bolsa técnica, o Proatec tem um direcionamento para a qualificação de ações formativas, através de oficinas e cursos, com/para crianças, profissionais da Educação Básica e dos estudantes em formação em nosso Campus. O COLEI é o cenário que possibilita o processo de ensino-aprendizagem dos participantes que interagem com os cursos e oficinas ministrados sobre direcionamento da bolsista Proatec, pois através desse grupo de pesquisa, coordenado pela professora Heloisa Carreiro, há a possibilidade de ações formações serem introduzidas possibilitando uma imersão em um dos conhecimentos que a academia exige dos estudantes. O Proatec, um dos projetos vinculados ao COLEI, que tem como principal objetivo mapear as ações do Coletivo mantendo e aprimorando as experiências formativas que nasceram em resposta ao contexto pandêmico. Assim para o desenvolver da escrita, recortamos um dos braços formativos do Proatec que é a escrita acadêmica, uma proposta que visa o letramento acadêmico (Silva, 20017). Os estudos de Silva nos ajudam a compreender o letramento acadêmico como um conjunto de ações que permitem estudantes e professores a seguirem as normas de escrita que permeia o Ensino Superior através de resumos, artigos, teses, entre outras escritas que são práticas discursivas e sociais geradas nas Instituições. Com isso, a escrita em tela tem como objetivo apresentar como as ações formativas ministradas e/ou organizadas pelo projeto Proatec têm como horizonte auxiliar: graduandos, pesquisadores em formação e professores da Educação Básica no processo de aprendizagem com foco no letramento acadêmico, nos seguintes recortes: mobilizar diálogos teóricos e questões relacionadas ao uso da vírgula.

Metodologia

Os estudos e as ações que se desenvolvem nesse projeto se vinculam ao campo dos estudos da pesquisa narrativa autobiográfica (Passeggi, 2016), pois reflete a experiência das autoras como

objeto de estudo na movimentação em que realizam articulações com as pesquisas bibliográficas, nos ajudando a pensar as experiências de maneira teorizada, não apenas como narrativas. Além, de ser inserir na pesquisa de teor qualitativo, que é um caminho investigativo de maneira exploratória (Augusto *et al*, 2013), neste estudo focamos na observação dos participantes durante a oficina, como os comentários apresentados após a mediação.

Selecionamos duas oficinas que tiveram como temática central a escrita acadêmica, intituladas “Oficina de Escrita acadêmica” e “Curso de vírgula a primeira foi ministrada pela bolsista Proatec, a coordenadora do Coletivo e pelo bolsista de Extensão; a segunda foi ministrada pelos bolsistas voluntários do Coletivo que são graduandos do curso de Letras. As oficinas tiveram o cuidado de integrar a metodologia e a prática (Pinheiro *et al*, 2024) no desenvolver da formação, buscando cuidar para que os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos fossem o mais significativo possível para cada participante, na construção do conhecimento dos temas trabalhados referentes a escrita que circula no Ensino Superior. Na dinamização do trabalho, a metodologia inserida é a oficina, que segundo Pinheiro *et al* (2024) é um trabalho em equipe, reflexivo e “mão na massa”.

A oferta de oficina é potente para as questões que circulam no ambiente acadêmico, nossos cursos são frutos de dúvidas ou comentário dos próprios bolsistas, professores que interagem com eventos e cursos que desenvolvemos por meio dos projetos de ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de um movimento de escuta dessas vozes, acolhendo suas sugestões. As duas oficinas que recortamos para analisarmos aqui na escrita foram organizadas a partir de algumas dessas questões anteriores que foram a “Oficina de Escrita acadêmica” e o “Curso de Vírgula”, ambos foram gestados com o objetivo de auxiliar os graduandos, os professores da educação básica e continuada em seus processos de aprendizagem de uma escrita mais científica. Com o acontecimento das oficinas tivemos o cuidado de propor uma metodologia que tivesse uma interação entre a teoria e a prática, compreendendo que ambas são importantes na execução de uma oficina (Pinheiro *et al*, 2024). Pinheiro *et al*, apresenta uma fala de Rays (2003 *apud* Pinheiro 2024) que reforçar essa ideia, em que ele diz que não se pode haver uma quebra entre o conhecimento (teoria) e a ação (prática), ou seja, ambos devem caminhar junto porque se complementam. Essa atenção torna a oficina significativa para aqueles que estão interagindo porque há um “potencial para o processo de construção dos conhecimentos, desenvolvimento intelectual, emocional e cidadão dos participantes” (Pinheiro *et al*, 2024, p.1).

Descrevendo de maneira sucinta o desenvolvimento da metodologia das oficinas, na “Oficina de Escrita acadêmica” tivemos o momento de aprendizagem que foi a apresentação de como se realizava a citação direta e indireta, e as referências bibliográficas conforme as regras que são solicitadas pela ABNT¹. Após a apresentação teórica, tivemos a parte prática pedindo as estudantes que falasse ou escrevesse no chat como ficaria algumas referências que foi apresentada durante a oficina, tivemos o cuidado de interagir com os presentes não apenas no momento da prática, mas durante a apresentação teórica também foi feito pausas para tirar dúvidas e ouvir questões que somaram com a oficina. A participação foi essencial para que pudéssemos ter uma oficina de qualidade e cooperativa, pois não foram apenas os mediadores expondo o conteúdo, mas foi uma aprendizagem ativa em que ocorresse interação entre ambos os lados, mediadores-participantes. Já no “Curso de Vírgula” os mediadores tiveram o cuidado

¹ Para a edição de 2025, fizemos uma modificação referente as referências, pois houve uma mudança em maio de 2025. E foi uma pauta que dialogamos durante a oficina com os participantes, que precisamos estar atento as mudanças que ocorrem nas normas.

de fazer pausa entre as explicações, assim como sistematizar o conteúdo solicitando aos participantes exemplos relacionados ao tema trabalhado, pedindo a exemplificação e até mesmo realizar correções de frases exposta por eles, após a finalização de cada fala. Não foi uma aula expositiva, mas uma oficina, em que há uma metodologia que integra a teoria e a prática, como salienta (Pinheiro *et al*, 2024).

Com isso, compreende-se que nas oficinas também há um trabalho em grupo, essa interação entre pares é defendida por Pinheiro *et al* (2024), eles trazem dois autores que colaboram com essa perspectiva que eles observam na elaboração do conhecimento durante as oficinas, que é sociointeracionismo (quando a pessoa interage com o ambiente e com o próximo), pois é um momento em que pode ocorrer a interação das pessoas com o objeto, processo que passa por uma mediação social para a construção do conhecimento. Além do trabalho em grupo, a oficina é “mão na massa”, Ander-Egg (1991 *apud* Pinheiro *et al*, 2024, p.8) diz que “se trata de uma forma de ensinar e aprender, principalmente aprender, por meio da realização de ‘algo’, que se realiza em conjunto. É aprender fazendo em grupo”. Assim como, é uma aprendizagem em conjunto em que uma troca de saberes entre “professor-aluno, aluno-aluno e professor-professor” (*Ibidem*), por isso a coordenação fica sobre cargo do professor/responsável pela dinamização da atividade, logo este também deve planejar os caminhos que serão percorridos a oficina, Ander-Egg (1991 *apud* Pinheiro *et al*, 2024, p.11) levantou algumas questões que são necessárias para um direcionamento no momento da montagem da oficina, o que geralmente realizamos no COLEI antes de lançar uma oficina aos futurosicineiros, perguntas como: quais atividades que serão realizadas, quais os objetivos a se alcançar, qual metodologia utilizar, quais materiais serão utilizados; algumas questões que auxiliam na elaboração da estrutura de uma oficina.

Resultado e discussão

Cuberes (1989 *apud* Pinheiro *et al*, 2024, p.7) vai dizer que a oficina é um lugar em que há “participação, aprendizagem e sistematização do conhecimento”, na realização das oficinas de Escrita acadêmica e de Vírgula foi possível observar esses marcadores do autor representados através da fala dos participantes, como nos comentários que foram recebidos por meio do formulário de geração do certificado, que tinha questões avaliativas da experiência formativa. Deixamos um campo para que ao final, os integrantes pudessem responder a seguinte pergunta “o que você achou do curso realizado? Sua opinião é muito importante”, algum dos comentários foram: “esclareceu bastante dúvidas!”, “Foi maravilhosa! Foi ótimo saber de informações que eu desconhecia, saber das atualizações nas normas e tirar dúvidas”, “Um curso breve e muito explicativo. Informações claras e sucintas com a livre vontade de fazer perguntas e tirar dúvidas. Gostei bastante” e; “[...] acho que poderíamos restringir os limites de dúvidas”. Capturar essas vozes por meio desse instrumento, é uma forma de deixar registrado as opiniões de cada integrante e termos esses dados como marcadores de sugestões do que podemos melhorar e permanecer em nossos encontros posteriores.

A oficina de escrita acadêmica teve por objetivo ajudar os estudantes e professores na referenciação, segundo as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que é um órgão responsável em estabelecer as regras técnicas em trabalhos acadêmicos e científicos, sendo essas regulações: formatação, a estrutura da escrita, citações e referenciação também. Há

outras normas estabelecidas por outros órgãos responsáveis também que cuidam da técnica e formatação de trabalhos científicos, essa definição irá depender da banca avaliadora de cada revista ou comitê científico de trabalho a qual o professor/ estudante está submetendo sua escrita, é preciso estar atento aos editais. Como a ABNT é um dos mais solicitados, nos pautamos nela para formatar o curso. Por se tratar de um padrão técnico, conhecemos normas criadas por esse órgão, que são as NBRs (Normas Brasileiras), é essencial para a produção da escrita acadêmica. Porém, como ressaltou Silva (2017), é uma escrita que circula no Ensino Superior, poucas escolas no Ensino Médio têm essa padronização nos trabalhos exigidos para aproximar os estudantes desse *gênero específico* da Universidade, essa falta de afinidade faz com que haja a necessidade de se ter oficinas para auxiliar os estudantes recém-chegados, como aqueles que se afastaram por um tempo desse padrão, a terem uma aproximação com essa formatação. O objetivo da oficina, que foi dinamizada em dois momentos pelos bolsistas Proatec e de Extensão, e coordenadora do COLEI, era de aproximar os estudantes e os professores da padronização da escrita exigida na escrita dos trabalhos acadêmicos.

De igual modo foi com o curso de vírgula, que teve como objetivo apresentar de maneira clara o uso da vírgula, assim como de pôr uma luz nos mistérios que envolvem questões em como se utilizar a vírgula nos textos. Trazer a aprendizagem desse conteúdo partiu de questões com as noções básicas de se utilizar a vírgula em escritas entre os bolsistas, graduandos e professores, que retomam à formação. A partir dessa observação, a coordenadora pediu para os bolsistas voluntários ministrarem uma oficina aos participantes do Coletivo em um movimento formativo, a partir desse encontro também foi organizado uma oficina para o público-alvo do projeto Proatec, para auxiliar a atividade de escrita dos estudantes e professores da rede de Educação Básica. Os integrantes do COLEI participaram ativamente da oficina, e isso fez com que as questões referentes ao uso da vírgula pudessem ser respondidas pelos graduandos de Letras da FFP/UERJ. E um dos pontos que observamos com as questões gramaticais é que elas precisam de uma prática contínua com a escrita para aperfeiçoamento do próprio ato de escrever. Apesar de se ter o contato com as noções básicas no Ensino Fundamental, com o passar dos níveis escolares há uma intensificação e complexidade do uso da vírgula, porém é preciso entender como se usa este sinal de pontuação.

Diante dos resultados que acabamos de narrar das referidas oficinas, através das interações do público, podemos dizer que conseguimos atingir os objetivos propostos para a dinamização dos encontros. Porém, ainda não realizamos um segundo curso ou tarefas para uma devolutiva de escritas para uma análise mais profunda. Até o momento, a devolutiva que temos são dos bolsistas do Coletivo, já que há uma aproximação maior com as escritas desenvolvidas para seminários, em relatórios e submissão de trabalhos em que há a participação ativa dos citados.

Conclusões

A temática central do texto é a compreensão, através de referenciais teóricos, da importância das oficinas voltadas para o letramento acadêmico nos campos de Ensino Superior, pois compreendemos com Silva (2017) que algumas linguagens são introduzidas quando as pessoas estão nesse meio social. A referência de autores nos textos científicos e/ou acadêmicos, segundo as normas da ABNT, é um exemplo do que Silva (2017) alerta em sua escrita, pois é uma aprendizagem não muito comum no Ensino Médio, por isso ocorre uma “tensão entre as práticas de escritas que os estudantes já possuem e as que são exigidas pela academia” (Silva, 2017, p.141).

Esses choques são interrompidos quando há um envolvimento dos estudantes com o novo conteúdo, essa interação ocorre na prática de oficinas, porque existe uma compreensão que se precisa ter uma construção do conhecimento na interação com o objeto estudado (Davies, 1993 *apud* Pinheiro *et al*, 2024), consequentemente uma relação de aprendizagem entre os sujeitos presentes. Por isso, Pinheiro *et al* (*Ibidem*) ressaltam que a metodologia da oficina deve ocorrer de forma ativa e interativa, proporcionando uma aprendizagem relevante ao estudante, ou seja, é um ensino que tem sentido para aquele que está aprendendo, o permitindo fazer conexões com seus conhecimentos prévios.

É o que Freire (1989) diz da necessidade que os ambientes educacionais têm de não fazer o rompimento da “palavramundo” construído pelas crianças ao longo da sua trajetória de vida até chegar na escola, que são os saberes e experiências de seu mundo particular. Justamente, esse cuidado que se deve ter nas oficinas, acolher as considerações e fala dos participantes, que são suas leituras de mundo, para assim apresentar outras informações, que é a leitura da palavra, que vão somar com esses conhecimentos e assim ampliá-los. Nas oficinas coordenadas pelo COLEI além desse cuidado que Freire, nos alerta, houve também a ligação de três itens importantes que foi apresentado por Cuberes (1989 *apud* Pinheiro *et al*, 2024) que são: a) participação dos integrantes que promove; b) um processo mais ativo e relevante da aprendizagem, e; c) por fim atividades práticas para uma sistematização do conhecimento compartilhado entre os pares.

Palavras-chaves: ABNT; Curso; Escrita; Vírgula

Referência Bibliográfica:

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, p. 9-14, 1989.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativas da experiência na pesquisa-formação:** do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. Roteiro, v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016.

PINHEIRO, Niusarte Virginia; SELLIN, Weversson Dalmaso; SILVA, Felismina Dalva Teixeira; SILVA, Catarina Ferreira da Conceição Rodrigues da. **Revisitando a oficina pedagógica como metodologia de ensino e aprendizagem:** aportes teóricos e indicações metodológicas. Revista Eletrônica de Educação, v. 18, e6406201, p. 1-19, jan./dez. 2024.

SILVA, Elizabeth Maria da. Os mistérios que envolvem a escrita acadêmica. In: AGUSTINI, C., and ERNESTO, B., eds. **Incursões na escrita acadêmico-universitária:** letramento, discurso, enunciação [online]. Uberlândia: EDUFU, 2017, pp. 141-152. ISBN: 978-65-86084-26-9. <https://books.scielo.org/id/32vmq/pdf/agustini-9786586084269-09.pdf>.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de Instituições de Ensino Superior